

O caso Wagner e a questão do estilo

Quésia Oliveira Olanda¹²⁶

Para Adriany Mendonça

Resumo

Pretendo com este ensaio apresentar de forma breve e fragmentária *O caso Wagner* (1888), texto em que Nietzsche faz uma espécie de acerto de contas com seu velho amigo. Além disso, busco aproximar esta obra tardia com a questão do estilo, que perpassa o pensamento nietzschiano em todas as suas fases. Para Nietzsche, não basta simplesmente escrever, é preciso se atentar na maneira como as palavras serão conduzidas, com o estilo. Para além da obra mencionada, outras estarão presentes ao longo do texto, tais como *Assim falou Zaratustra* (1881-1885) e *Ecce Homo* (1888), obras em que o filósofo-escritor conduz as palavras como numa dança poética, autobiográfica e metafórica. Com sua escrita plural, Nietzsche não busca somente criticar toda uma tradição socrática-platônica-cristã, mas sim busca assumir um gesto de escrever de outras maneiras, elaborando uma espécie de experimentação. É, portanto, por esse caminho que desejo seguir, propondo outras formas de se escrever filosofia.

Palavras-chave: Nietzsche; Wagner; Estilos; Escrita.

Abstract

With this essay, I intend to briefly and fragmentarily present *The Wagner Affair* (1888), a text in which Nietzsche makes a sort of settlement of accounts with his old friend. Furthermore, I seek to bring this late work closer to the issue of style, which permeates Nietzschean thought in all its phases. For Nietzsche, it is not enough to simply write; one must pay attention to the way in which words are conducted, with style. In addition to the aforementioned work, others will be present throughout the text, such as *Thus Spoke Zarathustra* (1881-1885) and *Ecce Homo* (1888), works in which the philosopher-writer conducts words as if in a poetic, autobiographical and metaphorical dance. With his plural writing, Nietzsche does not seek only to criticize an entire Socratic-Platonic-Christian tradition, but rather seeks to adopt a gesture of writing in other ways, elaborating a kind of experimentation. It is, therefore, along this path that I wish to follow, proposing other ways of writing philosophy.

Keywords: Nietzsche; Wagner; Styles; Writing.

1.

e acredito na Ressurreição
de livros
e acredito que no Céu
haja bibliotecas
e se possa ler e escrever
Adília Lopes¹²⁷

¹²⁶ Doutoranda em História da Filosofia (PPGF/UFRJ), bolsista CAPES. Mestre em Estética e Filosofia da Arte (PPGFIL/UERJ). Graduada em Filosofia (UFRJ). E-mail: olandaquesia@gmail.com

¹²⁷ Quando estava finalizando este ensaio recebi a triste notícia da morte da poeta portuguesa Adília Lopes, no penúltimo dia de dezembro de 2024. Foi um choque, uma surpresa, um susto. Adília segue sendo uma das minhas poetisas prediletas, sua poesia de “vida menor”, “doméstica”, “feminina” e da ordem do “quotidiano”, como ela mesma dizia, me tocam profundamente e influenciam a minha escrita. Lembrei, então, deste poema e decidi colocar fragmentos dele como epígrafe, como minha maneira simples e sincera de homenageá-la, sem nunca esquecê-la. E hoje, dia 11/06/2025, enquanto faço revisão do texto, recebo a notícia do funeral de Leonardo, um amigo de infância, coincidentemente no mesmo dia da morte de um outro grande amigo, Thadeu, devido ao covid-19 em 2021. Escrevo essa nota de rodapé muito triste, ao mesmo tempo e em um gesto duplo, escrevo como uma forma de ressignificar, de temperar, como quem deseja – ainda que aos pedaços – fazer de uma coisa, outra coisa. Aprendi com Derrida que temos que conviver com nossos fantasmas. Quando alguém especial morre, um mundo termina, mas também um outro começa. Nos resta aprender a sobreviver. A escrita é minha tentativa, meu recomeço, minha sobrevivência.

No ano anterior ao colapso de Friedrich Wilhelm Nietzsche, sua escrita floresceu demasiadamente. O ano de 1888 foi, paradoxalmente, o mais difícil e mais produtivo deste pensador. Foi um ano em que ele mais adoeceu, ao passo que experienciou – como em todo o seu percurso intelectual – seu pensamento, seu chamamento para o corpo e para a afirmação da vida em todos os sentidos. Em meio a graves problemas de saúde, Nietzsche teceu grandes obras, tal como *Ecce Homo*, *Crepúsculo dos ídolos*, *O Anticristo* e *O Caso Wagner* – frutos dessa época, dádivas daquele tempo. “Como não ser grato pela vida inteira?”, se pergunta o filósofo do martelo numa página solta de sua autobiografia intelectual. Afinal, o que naquele ano era vida está salvo, é imortal.

Ecce Homo, inclusive, é uma estranha autobiografia, no qual Nietzsche assume um gesto de filósofo-escritor, escrevendo sobre si mesmo a partir de sua filosofia. Kátia Muricy tece um comentário acerca da obra, afirmando que é um livro tecido numa época em que o autor “flanava na beleza ensolarada das ruas de Turim, conversando com os vendedores de frutas, tomando sorvete, surpreendendo-se com as delícias e o preço baixo da cozinha piemontesa, deslumbrando-se na Galleria Subalpina” (Muricy, 2017, p. 5). A vida é a temática deste livro, bem como de todo o pensamento nietzschiano.

O autor, infelizmente, não pôde acompanhar a publicação desses escritos, mas sabia da força que vestia cada um deles. Com relação ao seu *Anticristo*, o pensador alemão profere no prólogo que este não é um livro para qualquer um. Nietzsche sempre escreveu para sua posteridade. E, embora não estivesse “presente” após a publicação, quando elaborou este texto, tinha plena consciência de que a obra era extemporânea, isto é, intempestiva – característica concebida a seus livros da juventude, que anunciavam previamente o objetivo de todo o seu pensamento – assim como seus leitores e ele mesmo, como escreveu: “Alguns nascem póstumos” (Prólogo, AC).

Deste modo, pretendo trabalhar neste ensaio a última obra de Nietzsche mencionada, a saber, *O Caso Wagner*, apresentando de forma fragmentária e introdutória o objetivo do autor ao desenvolvê-lo, atrelando a questão do estilo – tão cara para a escrita nietzschiana. Escolhi a forma de ensaio para esta tessitura feita em retalhos por ser justamente um gênero que, desde Montaigne, se mostra mais híbrido, além das múltiplas possibilidades que ele pode proporcionar e por me permitir um teor mais autobiográfico – gestos de escrita que compõem todo o corpo da obra de Nietzsche, bem como seu pensamento. Recordo das palavras de Jacques Derrida, ao dizer que toda escritura é em si mesma autobiográfica. Derrida, inclusive, segue os

fos dados pelo pensador alemão, bem como de Gide, Agostinho e Rousseau, e elabora sua obra a partir de um gesto que cunhou de uma espécie de um “desejo autobiográfico” e de uma “confissão” (Derrida, 2014). Além disso, segundo o filósofo da desconstrução, Nietzsche teria praticado todos os gêneros.

2.

Sabe-se do impacto e relevância de Richard Wagner na primeira fase intelectual de Nietzsche. Sua obra inaugural, *O nascimento da tragédia* (1872) é um grande exemplo disso. Sabe-se também do momento crucial em que o filósofo se afasta do compositor alemão, rompendo tanto com sua amizade quanto com sua arte. Podemos conferir rastros dessa ruptura em *Tentativa de autocrítica* (1886), ensaio elaborado dezesseis anos após a publicação de seu primeiro livro, no qual o autor revê seus argumentos, bem como sua influência e proximidade com Ricardo Wagner, além dessa ruptura perpassar *Genealogia da moral* e outros escritos da fase madura. Uma das críticas mais marcantes de Nietzsche a Wagner é a íntima relação do compositor com o cristianismo e a aparição de elementos e doutrinas dessa religião em suas obras, tornando-as decadentes e degenerativas. Na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, por exemplo, o filósofo alemão faz um diagnóstico e reconhece a presença dos ideais ascéticos até mesmo na música wagneriana, justamente por essas influências religiosas mencionadas, pelo seu ideal de verdade.

Resumidamente, *O caso Wagner e Nietzsche contra Wagner* são obras polêmicas e expressam uma espécie de acerto de contas do autor com seu velho amigo. Especialmente em *O caso Wagner*, Nietzsche menciona logo no início do prefácio seu desejo, que se mostra em proporcionar a si mesmo uma *Erleichterung*, ou seja, um alívio, a fim de liberar-se de algo incômodo: Wagner e o wagnerianismo. É importante ressaltar que as críticas presentes nos manuscritos não são novidades na filosofia nietzschiana, atravessando boa parte de sua obra. Além disso, Nietzsche direciona críticas contundentes no que concerne à modernidade — definida por ele no epílogo por uma falsidade —, à cultura e à arte, obtendo a partir do compositor alemão um diagnóstico dessa época.

3.

Confesso que nunca tinha parado para estudar esses textos tardios de Nietzsche sobre Wagner, pelo simples motivo de aparentemente não estar dentro do meu escopo de pesquisa.

Porém, durante as aulas marcantes e enriquecedoras da professora Adriany, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no segundo semestre de 2024 — a quem dedico o presente ensaio —, pude perceber a importância desse livro para minha tese que está em processo de gestação, sobretudo, pela estrutura da obra e pela forma como Nietzsche a concebe. Tenho pensado a questão do estilo desde o mestrado. É um tema que me toca muito e a cada dia me interessa mais. Nietzsche é um filósofo-escritor, a escrita ocupa um lugar de estima em seu pensamento. Giorgio Colli comenta sobre isso, ao dizer que “Nietzsche escreveu muito, muitíssimo, foi um literato no sentido mais material, mais ridiculamente total, um autêntico *homo scribens*” (Colli, 1974, p. 131)¹²⁸, e seu teor sempre poético e literário me atraiu desde as primeiras leituras descompromissadas e muito prazerosas da adolescência. Um autor no qual sempre tive uma forte identificação, principalmente por ele caminhar na contramão da escrita sistemática e por colocar sua própria voz no texto, costurando suas ideias a partir de suas próprias vivências e com linhas plurais.

Não pretendo aqui construir um texto introdutório a essas obras nem fazer uma espécie de análise interpretativa. Quero ouvir as partituras das páginas, me ater a sonoridade e a musicalidade, em suma, a forma como foram escritas. Com relação à musicalidade do texto, Curt Paul Janz — autor de uma renomada biografia de Nietzsche — responde sobre a relação da filosofia nietzschiana com a música numa entrevista concedida a Paulo César de Souza, publicada na tradução de *O caso Wagner*. Deixo, então, o biógrafo falar:

O pensamento de Nietzsche foi ‘musical’ na medida em que foi fortemente emocional, nascido da vivência do momento — não obstante toda agudeza do intelecto. Sua musicalidade influi também na configuração, na ‘forma’ de seus escritos, o que por outro lado determina sua relação com a música: ele exige acabamento formal de contornos nítidos, em oposição à difusa ‘melodia interminável’ de Wagner (Nietzsche, 2016, p. 108).

Nota-se, portanto, a íntima relação do filósofo alemão com a arte, relação essa que se expressa para além da escrita, se mostrando na composição e no piano. *Hino à vida*¹²⁹, poema redigido por Lou Salomé é um rico e belo exemplo, pois foi musicado por Nietzsche e que, segundo ele, neste poema “a dor não é vista como objeção à vida” (Nietzsche, 2008, p. 80). Ele cita parte do verso de Salomé: “Se a felicidade já não tens para me dar, pois bem!, ainda tens a tua dor...”. As palavras poéticas de Lou parecem se atrelar a noção de *amor fati* de Nietzsche,

¹²⁸ Tradução retirada da tese de doutorado (UNICAMP) “O(s) perspectivismos de Nietzsche” de Ricardo Bazílio Dalla Vecchia (2014).

¹²⁹ Marisa Monte e Nando Reis adaptaram o poema de Lou Salomé para o disco “Verde Anil Amarelo Cor de Rosa e Carvão” (1994), dando nome a canção “De mais ninguém”. O poema-canção ficou com essas palavras: “Se ela me deixou, a dor/ É minha só, não é de mais ninguém/ (...) / Se eu não tenho o meu amor, eu tenho a minha dor...”.

a afirmação da vida, ao amor ao destino ou ao que acontece. Talvez seja esse um dos motivos dele ter se afeiçoado tanto pelo poema, pois o menciona justamente no momento em que descreve seu processo criativo no capítulo *Ecce Homo* dedicado a *Assim falou Zaratustra*, sobretudo, onde escreveu, suas caminhadas, o clima e como estava de saúde: todos esses fatores influenciavam os escritos de Nietzsche. O filósofo, inclusive, não estava bem de saúde, o inverno da baía de Rapallo, não longe de Gênova, entalhada entre Chiavari e o promontório de Porto Fino” o afetou demasiadamente. Estava hospedado num pequeno albergue à beira mar, mas sem tranquilidade alguma, atrapalhando-o na hora de dormir. Apesar disso, escreve Nietzsche, “e como que para demonstrar minha tese de que tudo decisivo acontece apesar de tudo, foi nesse inverno e nesse desfavorecimento das circunstâncias que meu Zaratustra nasceu” (Nietzsche, 2008, p. 80).

4.

Ao ler os manuscritos de Nietzsche, sejam eles da fase de juventude até a fase da maturidade, percebe-se a preocupação do autor com a maneira em que suas palavras serão transmitidas. Nota-se que o filósofo alemão demonstra um certo cuidado com o manuseamento das palavras, compreendendo logo cedo que não bastava simplesmente escrever, sendo fundamental atentar-se ao como se escreve. Esse gesto aparece, de certa forma, num trecho escrito durante o ano de serviço militar, dois anos após o início dos estudos de Nietzsche em Leipzig, quando ele já havia decidido tornar-se professor acadêmico, no qual o autor comenta sobre os cursos que assistia e sobre seu real interesse neles: “Os cursos não me atraíam pela sua matéria, mas apenas pela forma com o que o professor transmitia sua sabedoria [...] Percebi então que o ponto do qual parte o efeito recriador é a natureza exemplar do método, o modo de tratamento de um texto etc” (Janz, 2021, p. 510). Com planos de escrever uma história crítica da literatura grega, Nietzsche reconhece ainda numa carta endereçado no dia 20 de abril de 1867 a Mushacke não ter estilo na língua alemã, expressando seu desejo de adquiri-lo. Relata que decidiu redigir seus estudos sobre Laércio primeiro em alemão, para então elaborar uma tradução em latim, e foi a partir disso que se viu forçado a tratar dessa questão estilística. Nietzsche prossegue e diz que “como alunos do ginásio, não temos estilo; como estudante universitário, não temos prática; o que escrevemos são cartas, ou seja, pensamentos subjetivos sem pretensão artística formal. Chega então o momento em que a *tabula rasa* da nossa arte estilística começa a atormentar a consciência. É isso que vivo no momento, e é a isso que se deve a lentidão do meu trabalho” (Paul Janz, 2021, p. 545).

Não é de hoje a crítica nietzschiana voltada à cultura alemã e aos eruditos – que desconhecem o sabor das palavras –, e essa crítica culmina também na questão estilística. Este filósofo afirma ainda em seu *Humano, demasiado humano* que a maioria dos pensadores escreve mal (HH I, 189), sendo necessário colocar a estilística em um lugar considerável na atividade filosófica, e Nietzsche assim o faz: reconhece não querer voltar a escrever de forma tão seca e desajeitada, em seguimento fiel ao prumo lógico, como elaborou em sua redação sobre Teógnis que, no seu entender, não apresenta qualquer graciosidade. E diz ser preciso libertar alguns espíritos descontraídos e introduzi-los ao seu estilo: “preciso aprender a tocar nele como um piano, não, porém, peças estudadas, mas improvisações livres, tão livres quanto possível, mas sempre lógicas e belas” (Paul Janz, 2021, p.547). No período em que teceu esse comentário, “sua ambição era plantar na seca terra da filologia as flores do folhetim, cuja arte ofuscante viriam seduzi-lo muitas vezes também mais tarde, quando seu estilo já havia adquirido sua melodia e lucidez típicas” (Paul Janz, 2021, p. 547).

Esse assunto perpassa a filosofia do martelo desde a sua primeira fase, como mencionei. Podemos ver nos Cursos sobre *Retórica e História da Eloquência Grega* (1873-1874); em outros textos escritos na mesma época que dialogam entre si, tais como, o ensaio *Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral* (1873) o *Nascimento da Tragédia* (1872) e as Conferências proferidas na Universidade de Basileia, enquanto professor, intituladas *Sobre o Futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872). Esse assunto retorna mais tarde em seu *Ecce Homo*, na seção intitulada *Porque escrevo tão bons livros*. Deixo, então, o filósofo falar:

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos – eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo – a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos – todas as leis do período são arte dos gestos. (EH, "Por que escrevo tão bons livros", § 4.)

Com o fragmento acima, pode-se perceber que Nietzsche defende uma arte do estilo, compreendida por ele como um trabalho estilístico da linguagem, a fim de que, através dela, os afetos sejam comunicados. Ele, um mestre do estilo que, em multiplicidade de estados escreve, ao mencionar esses "estados inteiros" aponta para a multidão que o habita. Jacques Derrida segue os fios dados por Nietzsche e pontua em *Os fins do homem* uma certa mudança de terreno necessária “aos caminhos da filosofia” e apresenta Nietzsche como um tecelão, que tece de muitas maneiras: “Porque é de uma mudança de "estilo", dizia-o Nietzsche, que nós talvez

necessitemos; e se há estilo, Nietzsche no-lo recordou, ele só pode ser plural” (Derrida, 1991, p. 177).

5.

A degenerescência que Nietzsche diagnosticou em Richard Wagner se manifesta também na questão do estilo (ou a falta dele), comentada no sétimo parágrafo de *O caso Wagner*. O pensador alemão menciona a presença de um "estilo dramático" na música wagneriana — gesto que revela a incapacidade do compositor para construções de formas mais orgânicas, demonstrando a decadência estilística do mesmo. Nietzsche desenvolve esse argumento tendo como inspiração Paul Bourget, partindo justamente da definição de “decadência literária”, isto é, a soberania da palavra em detrimento da oração, “da oração em relação à página e, por fim, da página em relação ao livro, de tal sorte que, destacando-se as partes, o todo não existe mais enquanto um todo organizado” (Marton, 2014, p. 199). No entendimento de Nietzsche, essa questão reverbera em todo e qualquer estilo decadente, sendo Wagner um grande exemplo. Deixo, então, as palavras nietzschianas ecoarem, palavras essas que esboçam e resume toda essa desagregação fisiológica:

Mas isto é uma imagem para todo estilo da *décadance*: a cada vez, anarquia dos átomos, desagregação da vontade, ‘liberdade individual’, em termos morais — estendendo à teoria política, de ‘direitos *iguais* para todos’. A vida, a vivacidade mesma, a vibração e exuberância da vida comprimida nas mais pequenas formações, o resto *pobre* da vida (Nietzsche, 2016, p. 23).

Vale ressaltar que essa crítica aparece anteriormente, no primeiro parágrafo, quando o autor de *Aurora* considera antagônicas a música de Bizet, que se pretende organizada e acabada com a “melodia infinita” wagneriana.

6.

Além de Nietzsche mais uma vez esboçar uma espécie de experimentação da escrita ao tecer *O caso Wagner*, desconstruindo – em alguma medida – a ideia de livro, por justamente escrever dois pós-escritos, por reformular textos antigos e inseri-los no projeto e por escrever de forma fragmentada, existe ainda um tom humorístico, bem comum em seus manuscritos e que faz parte do modo nietzschiano de tecer, de seu estilo. Em vários momentos do livro Nietzsche se refere a Wagner de forma irônica, como se estivesse brincando. Recordo das boas

risadas que demos durante as leituras nas aulas da professora Adriany, em especial ao lermos o parágrafo 6 quando o autor escreve: “Permito-me novamente uma recreação” (Nietzsche, 2016, p. 20), indicando o sucesso de Wagner. No mesmo parágrafo, o filósofo alemão fala da “linguagem do mestre”, criticando em um tom sarcástico a infinitude concernente à linguagem musical wagneriana, como citado anteriormente, mas que está isenta de melodia.

Rosana Suarez tece um comentário sobre a presença do humor na filosofia do martelo em *Nietzsche comediantes, a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche* ao tomar como hipótese de que “a crítica nietzschiana à filosofia organiza-se perfeitamente quando realçada pelas tintas do cômico” (Suarez, 2007, p. 10), alegando que o filósofo alemão torna possível reconstituir um pensamento seguindo a caricatura, o teatro, a comédia, o humor (Suarez, 2007, p.11). Neste caso, a filosofia nietzschiana é pautada na alegria, influenciada demasiadamente por Dioniso – deus grego conhecido pelos excessos, pelo teatro e pela comédia. O riso e o convite à comédia, inclusive, perpassam os mais belos trechos da obra de Nietzsche. A título de exemplo, vemos em *A gaia ciência* um fragmento em que o autor menciona que a diferença entre viver mal e viver bem está em exercitarmos um “olho de teatro” que nos faça ver com humor o espetáculo da existência (NIETZSCHE *apud* SUAREZ, p. 11). Em outro momento, vemos no aforismo 294 intitulado “O vício olímpico” de *Além do bem e do mal* Nietzsche propor uma espécie de hierarquia dos filósofos justamente a partir da qualidade de seu riso, “pondo no topo aqueles capazes da *risada de outro*”, que riem de coisas sérias. Encontramos esse gesto também em *Assim falou Zaratustra*, no movimento da personagem santificar e enfatizar o riso, colocando-o num processo de aprendizagem: Elevem os corações e as pernas, bons dançarinos, alto, ainda mais alto! E não esqueçam o bom riso! A grinalda do deus que ri, grinalda de rosas, eu a lanço a vocês, meus irmãos! Eu santifiquei o riso: vocês, homens superiores, *aprendam*, portanto – a rir! (ZA, *Do homem superior*).

7.

Meu desejo com este breve ensaio foi de esboçar o cuidado de Nietzsche ao manusear as palavras e sua importância dada à questão do estilo, que se expressa em toda a sua obra, inclusive em *O caso Wagner*. Cada livro o filósofo escreve de uma maneira, experimentando e bailando com as palavras. A escrita aforismática tecida por Nietzsche, é interpretada por Rosa Dias (2011) como uma escrita da “vontade de potência, afirmativa e leve” – o que não significa que seja fácil de compreendê-la, sendo necessário adquirir a arte da interpretação e ler

107

ruminando como uma vaca, como no prólogo da *Genealogia da moral*. Além de filosofar com o martelo, este pensador escreve como dinamite.

Nietzsche não só tece críticas à modernidade e a história da filosofia, mas escreve de outras maneiras. Ele nos mostra que não basta simplesmente criticar um modo de se fazer filosofia, é preciso escrever de um modo com que essa escrita rompa com a tradicional. É preciso propor outras escritas. É preciso repensar as formas com que nós, enquanto professoras, professores, filósofas, filósofos, pesquisadoras e pesquisadores, concebemos a filosofia. É necessário trilhar outros caminhos, se abrir para as muitas possibilidades que uma escrita desviante e múltipla pode proporcionar. Há movimento, uma multiplicidade de estados interiores que se mostram na escrita. E se a forma de conceber o mundo é plural e perspectivística, conforme Nietzsche, os estilos de escrita seguirão a mesma linha. Concluo, portanto, com um trecho da carta que pensador alemão endereçou ao seu amigo Erwin Rohde em fevereiro de 1884, ao afirmar que seu “estilo é uma dança; um jogo de simetrias de toda espécie e um ‘saltar por cima’ e escarnecer dessas simetrias. Isso vai até a escolha das vogais”.

REFERÊNCIAS

BAZILIO, Ricardo Dalla Vecchia. O(s) perspectivismos de Nietzsche. 2014. 333 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2014.

Disponível em: <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1341444> Acesso em: 10 jun. 2025.

COLLI, Giorgio. *Dopo Nietzsche*. Milan: Adelphi Edizioni, 1974.

CURT, Paul Janz. *Friedrich Nietzsche. Uma biografia*. Tradução: Markus A. Hediger. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. São Paulo: Papyrus, 1991.

MARTON, Scarlett. *Modernidade e Décadance: Wagner e a cultura filisteia*. In: MARTON, Scarlett; BRANCO, Maria João Mayer; CONSTÂNCIO, João (orgs.). *Sujeito, Décadance e Arte: Nietzsche e a Modernidade*. Lisboa: Tinta da China, 2014, p. 199-225.

MURICY, Katia. *Ecce Homo: a autobiografia como gênero filosófico*. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. Trad. Fernando de Moraes de Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

_____. *O Anticristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *O caso Wagner e Nietzsche contra Wagner*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SUAREZ, Rosana. *Nietzsche comediante: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.